

UMA REVISÃO SÔBRE A ORIGEM DO MANGALARGA

OCTAVIO DOMINGUES

Escola Nacional de Agronomia — Universidade Rural
Rio de Janeiro

Um colega me escreve solicitando informar se o Alter não teve maior influência que o Andalus, na formação do nosso Mangalarga. A indagação me leva a considerações que reputo úteis aos estudiosos dos nossos problemas de equinocultura — técnicos e criadores — pois se trata da origem da famosa raça de cavalos brasileiros e do que significa para nós o cavalo Andalus.

Partindo do princípio certo de que o Alter não é mais do que um “nome” que o Andalus tomou oficialmente em Portugal, ao ser criada a Coudelaria de Alter Real, em Alter-do-Chão — a origem étnica do Mangalarga é o Andalus, embora não exclusivamente. Outras raças devem ter servido no intuito de melhorá-lo, tais como o Puro-sangue-inglês, Árabe, Anglo-Arabe, Trakehnen, Hakney e até o Crioulo do Rio Grande, segundo revelação do Sr. JOÃO F. D. JUNQUEIRA (*).

Na verdade, a casa de Bragança, ao fundar aquela Coudelaria, em 1748, povoou-a, diz-nos BAGANHA, zootecnista português, “com éguas Andalusas e respectivos cavalos”. Criado puro, o Andalus passou a Alter apenas no nome.

Mas, quem nos diz que o Mangalarga descende do Alter? A conjectura pode sustentar essa tese. Vindo para o Brasil, nada mais natural que a família real trouxesse cavalos para uso do Príncipe Regente e dos fidalgos, e que êsses cavalos fossem da raça Alter.

Mas conta-se isto com pormenores. O BARÃO DE ALFENAS, que parece ter sido o principal iniciador da criação dos cavalos, que vieram a ser chamados de Mangalarga — recebeu de D. JOÃO VI um cavalo Alter, de presente. E cita-se uma

(*) Referência ao Mangalarga criado e melhorado em S Paulo.

data — 1812 — quatro anos depois da vinda da família real para o Brasil, na sua fuga de NAPOLEÃO.

Este pormenor, que está na *Zootecnia Especial*, Vol. I, de HERMSDORFF (1933), não aparece na nova edição (1956). Nesta, o autor oferece outra versão, na qual se fala num potro de dois anos, adquirido por mero acaso, em 1812, pelo BARÃO DE ALFENAS, “ao passar por Barbacena”. Cavallo “muito provavelmente com alta dose da raça Alter”, acrescenta HERMSDORFF, sem explicar por que. Como o cavallo tivesse um “andar rasgado e amplo” — deu-lhe o Barão, o nome de Mangalarga. Esse animal “revelou-se um magnífico raçador, e sua prole passou a formar uma excelente estirpe, que recebeu seu próprio nome” — informa o nosso autor, omitindo porém onde colheu pormenores tão preciosos.

História, só em parte parecida com esta, nos transmite SEVERINO JUNQUEIRA DE ANDRADE (1945), bis-neto do BARÃO DE ALFENAS, e que foi contada pelo seu avô, FRANCISCO DE ANDRADE JUNQUEIRA, filho do Barão. Passando êle por Vila Rica (e não por Barbacena) “pernoitou na fazenda de um amigo”, do qual comprou um poldro, que “o Barão de Alfenas, com inteligência e perspicácia soube aproveitar e desenvolver suas qualidades, e que foi a semente dessa grande árvore, que hoje constitui a raça Mangalarga”. Não fala, porém, em Alter, e talvez nem pudesse falar.

Assim temos três origens para os cavallos criados pelo BARÃO DE ALFENAS: 1. um cavallo puro sangue da raça Alter, que D. JOÃO VI deu de presente ao BARÃO DE ALFENAS; 2. um potro de dois anos adquirido pelo Barão “ao passar por Barbacena, com alta dose da raça Alter”; 3. um poldro comprado pelo Barão, numa fazenda, em Vila Rica (Ouro Preto), onde pernoitara. Não há referência à raça desse poldro.

Em 1 e 2, HERMSDORFF não informa a procedência das versões, que formulou, a primeira das quais abandonou, e que dizia que o Mangalarga se originara de um reprodutor Alter, puro sangue, doado por D. JOÃO VI ao BARÃO DE ALFENAS.

Os autores, que têm tratado do assunto não fazem mais do que passar adiante essa versão, de que o Mangalarga se originou de um Alter — seja a de um cavallo puro sangue, seja a de um potro — “muito provavelmente com alta dose da raça Alter” — segundo HERMSDORFF.

Como se vê, a hipótese da influência do Alter, de um reprodutor Alter, carece de elementos de comprovação, inexistente no autor a que me reporto. Mas ela é perfeitamente sus-

tentável à fôrça de uma conjectura, como disse inicialmente. Conjectura nascida do fato de que, vindo para o Brasil, a côrte real portuguesa deve ter trazido cavalos, e êstes certamente seriam da raça Alter, da Coudelaria onde era criada essa raça.

Quanto ao local, onde se originou essa raça nossa, também há duas versões em seus pormenores. Uma fala na Fazenda Atalho, no Sul de Minas, em Três Corações; versão essa de HERMSDORFF, na primeira edição de seu livro (1933). E que êle abandonou ao fazer nova edição (1956), para referir-se agora à Fazenda Campo Alegre, na comarca de Baependi. Aliás SEVERINO JUNQUEIRA DE ANDRADE é que fala (1945) nessa Fazenda Campo Alegre, que situa na "então paróquia de S. Tomé das Letras, comarca de Baependi" — como sendo local onde se originou o Mangalarga, pois foi nela que o BARÃO DE ALFENAS multiplicou o tal poldro adquirido numa fazenda de Vila Rica (Ouro Preto) onde pernoitara em viagem.

Quanto à data de formação da raça, fixou-se em 1812, quando começa a história do cavalo Alter, doado por D. JOÃO VI; ou da aquisição de um potro numa fazenda, por onde passara o Barão...

Data essa que se repete quando se historia a formação do cavalo Mangalarga, em S. Paulo. Um sobrinho do Barão, o Tenente-Mor FCO. ANTONIO JUNQUEIRA, nêsse ano (1812), instalou fazenda em S. Paulo, na região que viria denominar-se Orlândia (então freguesia da Franca), iniciando a criação de cavalos trazidos de Minas, e que constituíram o primeiro núcleo de Mangalarga do Estado.

Se em 1812 foi que o BARÃO DE ALFENAS começou a multiplicar os cavalos que viriam a se denominar de Mangalarga, como é que nêsse mesmo ano, de 1812, seu sobrinho FRANCISCO ANTONIO já levava Mangalarga para sua fazenda nova em S. Paulo? A meu ver, em 1812, o Tenente-Mor abriu sua fazenda na freguesia da Franca, e começou a criar cavalos mineiros (não tinha outros), os quais sòmente mais tarde é que seriam chamados de Mangalarga, isso depois de 1842, como veremos adiante.

E' o que se depreende estudando a origem da palavra, segundo a versão de JOÃO FCO. DINIZ JUNQUEIRA, que a meu ver é a mais aceitável, plausível e a mais verossímel. Segundo êle, a denominação Mangalarga provém de uma Fazenda dêsse nome, em Petrópolis, onde os cavalos do Barão se tornaram famosos. Êle repete o que ouviu de respeitável senhora, sobrinha do Barão. E ela lhe revelou o que a seguir vai em resumo.

Por volta de 1842, mais ou menos, GABRIEL FCO. JUNQUEIRA (Barão de Alfenas) foi eleito deputado. Fazendo amizade com um colega de representação, convidou-o a ver os cavalos que êle criava em sua fazenda, em Petrópolis. Apesar da viagem penosa de vários dias, o colega, que era grande apreciador de cavalos, foi a Minas. Lá entusiasmou-se com o que viu, tanto que resolveu criar aquela casta de cavalos dos Junqueiras, em sua Fazenda Mangalarga. Êsses cavalos desceram ao Rio de Janeiro, onde era moda a equitação. E fizeram grande figura, tornando-se muito apreciados e recebendo o nome da Fazenda, em Petrópolis, de onde provinham, o nome de Mangalarga.

Assim só posteriormente a 1842 foi que surgiu o nome, que se tornaria famoso como designação de uma raça de cavalos nativos, de Minas. E não antes.

O que se tem de pacífico é que foi o BARÃO DE ALFENAS e seus descendentes, que formaram a raça Mangalarga. Sua origem étnica é o Andalus, através ou não do Alter, pois, na época, eram os cavalos de maior fama, e que devem ter sido importados, com relativa facilidade, para o Brasil. Mas houve a introdução de outros quando se tornou, posteriormente, mais fácil obter um Puro-sangue-inglês, um Árabe, um Anglo-Árabe, e ainda um Trakehnen (havia um exemplar desta raça no Posto Zootécnico de Piracicaba, por volta de 1916), um Crioulo do Rio Grande (segundo informe do Sr. JOÃO F. D. JUNQUEIRA.

O nome deve ter-se originado mesmo, como conta JOÃO F. D. JUNQUEIRA.

Do exposto, é óbvia a importância do Andalus para o melhoramento da nossa cavallhada, quando se pensar em cruzamento. Foi a dificuldade de obter espécimes dessa raça e da Alter, que provocou a intromissão daquelas outras raças citadas. Tôda preferência que se tiver por essas duas raças-troncos das nossas cavallhadas esbarra com as dificuldades de importação de reprodutores. O mercado europeu, que nos tem abastecido, e nos abastece, foi que facilitou o emprêgo do P. S. inglês, do Árabe, etc.

Mas creio que ainda é tempo de emendar a mão, obedecendo ao imperativo das origens dos nossos melhores cavalos.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, S. J. de, 1945 — A raça mangalarga e suas origens. *O Campo*, dez. 1945: 33.
- BAGANHA, D. R. A., 1878 — *Tratado elementar de higyene pecuaria e zootechnia moderna*, Porto.
- BONUEVO, F. de la P., 1921 — *Estudio de la ganaderia en Espana*, Madrid.
- CORREIA, P. L., 1928 — *Contribuição ao estudo da criação do cavalo*, S. Paulo.
- HERMSDORFF, G., 1956 — *Zootecnia. I. Equídeos*, Rio de Janeiro.
- JUNQUEIRA, J. F. D., 1934 — A origem do cavalo mangalarga. *Chác. e Quintais* 49: 479.
- JUNQUEIRA, J. F. D., 1938 — A origem da denominação mangalarga. *An. Cavalo Mangalarga*, 1938, S. Paulo.
- SANCHEZ, G. A., sem data — *Zootecnia especial*, 3a. edição, Córdoba.
- TRACEVEDO, F. G., 1954 — *El caballo Andaluz*, Madrid.
- TRIVELIN, A. P., 1954 — *Contribuição ao estudo da raça mangalarga em S. Paulo*, Piracicaba.

BRASIL-OESTE

Revista mensal — Seções especializadas de

- AGRICULTURA
- PECUARIA
 - AVICULTURA
 - ECONOMIA
 - ATUALIDADES

Em tôdas as edições documentários sobre o
Estado de Mato Grosso e a Amazônia

ASSINATURA ANUAL CR\$ 140,00

Pedidos a *Brasil-Oeste Editôra Ltda.*

Praça da República, 386 -- 3.º - Cj. 33-A -- S. Paulo -- S. P.
Representante no Rio de Janeiro (DF):

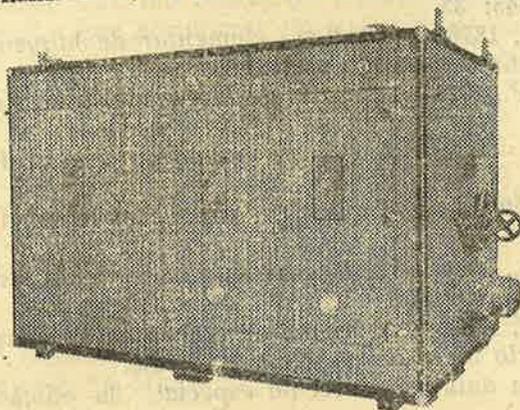
Dr. Edson Nogueira Paim

R. 13 de Maio, 13 — Conj. 1804, sala 10 — Tel. 42-9219

INCUBADORA «LUCATO»

Obtenha o máximo com um produto nacional, de rendimento igual ao estrangeiro.

Qualidade, perfeição funcional, esmerado acabamento, rigorosa adaptação para o nosso clima, funcionamento muito mais fácil, ASSISTENCIA PERMANENTE, e o principal, CUSTANDO A METADE DO PREÇO.



Modelos com capacidades para 2.500, 5.000, 10.000, 17.280 e 20.000 ovos. Orçamentos, para tamanhos especiais, fora de nossa linha normal de produção, bem ainda de camaras de incubação ou eclosão, separadas. Para maiores detalhes, peça folhetos ou visite os fabricantes

IRMÃOS LUCATO

RUA TIRADENTES, 1315 — FONES: 1-400 e 1-500 — CAIXA POSTAL 61
LIMEIRA — EST. S. PAULO

LOJA EM SÃO PAULO

RUA SENADOR QUEIROZ, 649 — FONE 33-7949

A ADUBAÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR

Pelos Engenheiros-Agrônomos

Frederico Pimentel Gomes e Eno de Miranda Cardoso

Um livro completo e moderno sobre a adubação da cana
Capítulos principais: 1. A Cana-de-Açúcar no Brasil e no Mundo. 2. Os Adubos mais Importantes. 3. Cálculos de Adubação. 4. Princípios Básicos de Adubação. 5. Necessidades Mineraias da Cana-de-Açúcar. 6. Sintomas Visuais de Carência Mineral em Cana-de-Açúcar. 7. A Adubação Mineral da Cana. 8. A Adubação Orgânica da Cana. 9. A Adubação Verde da Cana. 10. A Adubação com Vinhaça. 11. Resultados Experimentais Típicos. 12. A Influência dos Adubos Sobre a Composição da Cana. 13. Modo e Época de Aplicação dos Adubos.

PREÇO: Cr\$ 120,00

Pedidos a: *Frederico Pimentel Gomes* — Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” Piracicaba, S. P.
ou à: *Editôra Agronômica “Ceres” Ltda.* — R. Barão de Paranapiacaba, 93, 2.º andar — Sala 27 — Caixa Postal 3.917 — S. Paulo, S. P.